

A escravidão narrada: Machado de Assis e a crítica social por meio do conto *Pai contra mãe*

*The narration of slavery: Machado de Assis and the social criticism through the tale *Pai contra mãe**

Wanderson Barbosa dos Santos¹

Resumo: Este ensaio visa analisar o conto *Pai contra mãe* (1906) de Machado de Assis, levando em conta e mesclando as contribuições advindas da sociologia e dos estudos literários. Proponho uma releitura do conto machadiano ressaltando os recortes de classe e gênero contidos na obra. Assim, partindo para uma análise da obra e de suas personagens, pretende-se esboçar um exame sobre a estrutura racista do Brasil escravista, bem expressada neste conto de Machado de Assis. Como base para esta análise utilizo as reflexões de Eliane Veras Soares (2014) acerca do caráter epistemológico dos textos literários. Ademais, proponho uma reconstrução de análises importantes sobre a obra de Machado de Assis, tanto para uma explicitação do texto e contexto da produção do autor, como também para dialogar com autores que oferecem leituras diferenciais sobre o conto analisado neste ensaio. Cito aqui, a título de exemplo, as contribuições de Raymundo Faoro (2001), Roberto Schwarz (1987) e Antonio Candido (1995). Por fim, apresento uma releitura do conto baseada na recente bibliografia produzida sobre a obra machadiana, que acentua o caráter crítico dos contos, principalmente por meio do tema da representação da escravidão (França Neto, 2008) e pela análise da violência (Silva, 2008). Nesse sentido, o artigo assinala o caráter crítico dos contos machadianos.

Palavras-Chaves: Machados de Assis; Raça; Gênero; Crítica literária; Sociologia; *Pai contra Mãe*; Escravidão.

Abstract: This essay aims to analyse Machado de Assis' "Pai contra mãe" tale (1906), taking into account and merging the contributions of sociology and literary studies. I propose a re-reading of Machado's tale, highlighting the intersections of class and gender that characterize his work and its characters. Thus, analysing the work and its characters, I intend to also examine the racist structure of slavery in Brazil, well expressed in this tale by Machado de Assis. As a basis for this analysis I use the reflections of Eliane Veras Soares (2014) about the epistemological character

¹ Mestrando em Sociologia na Universidade de Brasília – Brasil. E-mail: wanderson_santos@outlook.com.

of literary texts. In addition, I propose a reconstruction of important critiques on the work of Machado de Assis, both to explain the text and context of the author's production, as well as to dialogue with authors who offer differential readings on the tale analyzed in this essay. I quote here, for example, the contributions of Raymundo Faoro (2001), Roberto Schwarz (1987) and Antonio Candido (1995). Finally, I present a re-reading of the tale based on the recent bibliography produced about Machado's work, which emphasizes the critical character of tales, mainly through the theme of the representation of slavery (França Neto, 2008) and by the analysis of violence (Silva, 2008). In this sense, the article points out the critical character of the Machado's tales.

Keywords: Machado de Assis; Race; Gender; Literary criticism; Sociology; *Pai contra mãe*; Slavery.

1. O conto como forma de crítica: escravidão e hierarquias no Brasil do final do século XIX

O propósito deste artigo é analisar o conto *Pai contra mãe* (1906) de Machado de Assis, levando em conta e mesclando as contribuições advindas da sociologia e dos estudos literários. De início, busca-se uma exposição da estrutura do conto, apresentando as personagens, a trama e os elementos que serão analisados nas próximas seções do texto. Em um segundo momento, são mostradas as diferentes leituras do conto Machadiano, por um lado, destacando a análise de Raymundo Faoro (2001) juntamente aos seus intérpretes, e de outro, as novas leituras que destacam o caráter crítico dos contos Machadianos como em França Neto (2008) e Silva (2008).

“A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais.”, com esta frase Machado de Assis inicia o conto intitulado *Pai contra mãe*, escrito no ano de 1906 e publicado na coletânea *Relíquias da casa velha*². Neste conto Machado aborda a história de Cândido Neves, personagem tachado por seu desencaixe social; Clara, personagem que passa a ser esposa de Cândido Neves em determinado momento do conto; Tia Mônica, responsável por Clara e que realiza objeções ao casamento entre as

² Como dito, a primeira versão do conto analisado neste ensaio foi publicado na coletânea *Relíquias da Casa Velha*, porém, aqui, optou-se por sua versão publicada na seleção *50 contos de Machado de Assis*, organizada por John Gledson, notável intérprete do escritor carioca.

duas personagens anteriores, colocando-se como uma espécie de conselheira na narrativa Machadiana; e Arminda, escrava e gestante que no conto encontra-se em situação de fuga do seu cárcere. Sua aparição está marcada no ato final do conto, sendo sua relação com Cândido Neves a alusão contida no título: a luta de “Pai contra mãe”.

Como o título bem destaca, o conflito final que envolve as personagens Cândido Neves, homem branco livre; e, Arminda, mulher gestante e escrava, expõe de maneira bastante precisa as relações sociais no contexto de Brasil escravista. De modo mais acentuado o conto Machadiano explora o tema da escravidão – que alicerça todo cenário do conto – além dos temas da pobreza, falta de oportunidades aos trabalhadores e o desencaixe daqueles que não são nem senhores e nem escravos.

A história narrada neste conto inicia-se com a apresentação do tema da escravidão como uma instituição que possuem para si “dispositivos” que podem ser utilizados na punição dos “vícios” do escravo. Machado expõe estes mecanismos por meio da representação da máscara de folha flandres, a saber:

Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. (ASSIS, 2007, p.466)

Nesse sentido, esta máscara que funciona tanto para punição dos escravos como também para uma espécie de correção moral – pois o vício em bebida foi historicamente colocado como um desvio também de moralidade – apresenta-se como um primeiro elemento de compreensão da escravatura como basilar nas relações sociais no Brasil.

No mesmo parágrafo, Machado parece tentar distanciar o seu olhar ao dizer:

Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de

máscaras.(ASSIS, 2007, p.466)

As formas de ação da instituição social da escravidão foram descritas primeiramente como grotesca, ao criticar a máscara, mas também houve o destaque a questão da capilarização das relações sociais que tinham a escravidão como norma. Assim, ao descrever que as máscaras que serviriam para a punição dos escravos fugidos encontravam-se à venda nas portas das lojas, o autor descreveu esse ambiente de constante vigilância e de normalização da prática da escravidão. A descrição, surge não somente como uma tentativa de formação de um cenário em que a prática social escravocrata foi encontrada, envolvendo os mais diversos setores ou locais específicos na sociedade brasileira, mas, sobretudo, colocou no eixo de uma norma de socialização de tratamento entre os indivíduos, sendo, dessa maneira, importante elemento de orientação de conduta não somente na relação senhor e escravos, mas também os demais estratos sociais que relacionavam-se com este.

Em grande medida, a dinâmica social descrita reflete a maneira de como as relações sociais no Brasil foram estruturadas no contexto escravista para privilegiar brancos em detrimentos dos negros. Independentemente de seu status social ou de sua classe, o branco tem o preciosíssimo privilégio da liberdade. Cândido Neves tem imunidade nessa estrutura social – mesmo vivendo em situação paupérrima – para ir e vir, sair e entrar nos trabalhos que o interessam, e não ter como preocupação o fato de ser considerado um objeto com dono. Ou seja, ser considerado um simples ser humano, com direito à liberdade, já o distinguia perante outros segmentos e, como apresentado no conto de Machado de Assis, o oferece como vantagem o trabalho da captura de escravos fugidos.

A personagem de Cândido Neves surge como esse sujeito desencaixado que não finca-se em nenhum trabalho, porém não por imposições de outrem, mas simplesmente por sua própria vontade. Destacarei ao longo do ensaio as passagens que nos direcionam para a inclinação de Cândido Neves para a saída de empregos que não correspondiam aos seus desejos ou lhe feriam o orgulho.

Machado enfatiza essas características mencionadas na descrição de Cândido Neves ao dizer:

Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao ministério do império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos. (ASSIS, 2007, p.467)

Ao descrevê-los e destacar os efeitos do orgulho e o incômodo com o ato de servir aos outros, Machado de Assis coloca-o como um indivíduo que possui agência, ou seja, poder de agir, sendo o sentimento de orgulho ferido suficiente para sua saída de vários ofícios. Pode-se argumentar que, os empregos mencionados no conto, eram de baixa remuneração, ou ofereciam pouco status a personagem. Entretanto, em um ambiente de necessidade material, no qual Cândido Neves encontrava-se, esses empregos pareciam melhores alternativas do que a miséria. Porém, para a personagem o orgulho ferido e o desconforto com o ato de servir aos outros surge como impeditivo maior do que a possibilidade de baixa remuneração. Destaca-se, então, que se trata de uma escolha da personagem que, dentre as várias possibilidades que lhe são oferecidas escolhe a de se retirar destas atividades produtivas.³

O conto ganha novos contornos com a paixão de Cândido Neves por Clara.⁴ Clara, com vinte dois anos, órfã e mora com sua tia. Costurava com tia Mônica para auxiliar na renda da família e nutria o desejo de casar-se. O

³A concepção de liberdade utilizada como base na produção deste ensaio é fortemente influenciada pelas exposições de Georg Simmel no livro *Filosofia del dinero* (1976), principalmente no capítulo IV chamado *La libertad individual*. Para o autor, liberdade não diz respeito a ausência de imposições, mas sim, a possibilidade de substituição de compromissos, ou a troca de obrigações.

⁴O nome das duas personagens não foi escolhido de modo aleatório, ambos guardam consigo a ironia de Machado de Assis, pois, tanto Cândido Neves quanto Clara são nomes que aludem a um ideal de brancura, sendo possível sua utilização, em muitos casos, como sinônimos para a palavra branco ou alvo.

encontro com Cândido Neves é revelador desta vontade: “O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único.” (ASSIS, 2007, p.468)

O casamento não demorou, junto a ele a possibilidade de terem filhos. Advertidos por tia Mônica que uma criança só pioraria a situação de pobreza na qual eles se encontravam, entretanto, os noivos não levavam a sério os conselhos, tanto que:

Não abriram mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos. (ASSIS, 2007, p.469).

Se as preocupações de Tia Mônica não surtiram efeitos imediatos, seus temores em relação ao futuro, também não. A personagem de Tia Mônica representa essa voz da consciência, materializada nas preocupações em relação ao futuro da família. Em determinada altura do conto crítica o *caiporismo* de Cândido Neves, pois ele precisa de “alguma coisa mais certa”, uma renda fixa, o que uma ocupação vaga como a captura de escravos não permitiria.⁵ Cândido Neves Responde com otimismo e alega sua eficiência nesse ofício ao dizer em resposta as críticas de Tia Mônica: “Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobre. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não se brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.” (ASSIS, 2007, p.469-470).

A situação econômica da família agravava-se, e, a cada dia que se passava mais próximo estava o nascimento do filho do casal. Clara e Tia Mônica trabalhavam cada vez mais para fora, pois os rendimentos de Cândido Neves

⁵ A historiografia que analisa o contexto do final do século XIX descreve que as fugas de escravos após o final da Guerra do Paraguai (1864-1870) eram frequentes, porém, a função de recapturá-los foi colocada na chancela do exército que, após ao fim da guerra, já não se mobilizava para conter os fugidos, pois já haviam incorporado em suas estruturas muitos escravos sobreviventes do conflito. Por esse motivo, o ambiente do exército foi um dos ambientes fecundos para ideias abolicionistas. Ver por exemplo, Skidmore (1976), p.24.

começaram a tornar-se escassos. O serviço de captura de escravos passou a ter mais concorrência com “mais de um desempregado” agora na busca pela realização deste ofício.

As dívidas da família só aumentavam, comprava-se fiado e comia-se mal. Sem os recursos advindos da captura de escravos fugidos e o trabalho de Clara e Tia Mônica sendo insuficientes para a manutenção das despesas da casa o desespero toma conta do ambiente. O senhorio cobrava os aluguéis atrasados, enquanto isso o feto crescia. Neste cenário descrito, é compreensível uma interpretação deste conto pelo prisma de um estudo sobre a miséria, pois claramente há esse componente na composição de Machado de Assis, sendo que são largas as passagens em que ao esforço para a descrição desse ambiente com as mais diversas tonalidades de carências.

Tia Mônica novamente surge como a voz que critica, mas, ao mesmo tempo, aconselha. Com a proximidade do nascimento da criança foi categórica ao afirmar: “Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos Enjeitados.” (ASSIS, 2007,p.471). Conselho recebido com fúria por Cândido Neves que ansiava pelo nascimento do filho e tinha esperanças de um futuro melhor. De todo modo, esperança em um futuro incerto, sem grandes expectativas de incorporação a um trabalho fixo; pode-se entender essa esperança apenas no cenário de aumento das fugas de escravos, sendo ele possível no contexto de posterior a abolição da escravatura (1888) em que a transição para o trabalho livre não aconteceria sem grandes tensões entre senhores de escravos e os recém-libertos. Elementos importantes contidos no palco de convulsão social do Brasil do último quarto do século XIX. Machado de Assis como um moralista de sua época estava atento a essas transformações.⁶

Com o crescimento da dívida do aluguel, Cândido Neves, Clara e tia

⁶Ao destacarmos Machado de Assis como um “moralista” compactuamos com o posicionamento descrito por Raymundo Faoro no livro *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio* (2001) em que o autor faz a separação entre moralista e moralizador. Um moralista estaria atento aos costumes de uma sociedade, não tendo objetivo a criação de um código de ética social; por outro lado, um moralizador tem como objetivo pregar uma forma de moral. Ver em Faoro (2001), p.537.

Mônica são despejados do local onde habitam. Conseguem um aposento de favor de uma senhora rica conhecida de tia Mônica. Pouco depois a criança nasce e uma mistura de alegria e tristeza toma o ambiente. Tia Mônica retoma a ideia da entrega do recém-nascido na Roda dos Enjeitados. Cândido Neves, agora ponderando a ideia, decide-se por levar ele mesmo a criança.

Cândido Neves revisa os anúncios nos jornais sobre escravos fugidos, busca alguma recompensa alta que possa salvar o destino de seu filho. Sai à rua com poucas esperanças de conseguir algo, porém, o anúncio de uma escrava chamou sua atenção, oferecia-se cem mil-réis por ela. Cândido Neves sai atrás de informações, mas não encontra nada.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue que vivia. Consultou sua mulher e se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. (ASSIS, 2007, p.473).

Nesse momento, Cândido Neves decide levar seu filho à Roda dos Enjeitados, local onde as crianças eram entregues para serem cuidadas por outras pessoas com mais recursos, algo ligeiramente próximo a um orfanato. No caminho, entre os becos e ruelas da cidade, avista Arminda, a escrava fugida. Deixa seu filho em uma farmácia e sai em busca da escrava. Enche-se de esperança com a possibilidade de permanência do filho. Esperança de um lado, temor de outro; se para Cândido Neves a captura da escrava aparecia como um sinal de boa sorte, para Arminda representa o final de uma rara possibilidade de liberdade. Esperança e desesperança combinam-se em ambas personagens e o confronto é iminente.

No encontro entre Cândido Neves e Arminda revela-se o embate final contido no título do conto. Arminda encontra-se na situação grávida, então, suplica a Cândido Neves que não a leve ao senhor, pois: “Arminda ia alegando

que o senhor era muito mal, e provavelmente a castigaria com açoites, - coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir.” (ASSIS,2007, p.474). Os clamores de Arminda não são levados em consideração, mesmo ao alegar o seu estado de gravidez e as consequências que teriam para ela e a criança em seu ventre.

Arminda tenta se defender e clama por ajuda, porém, sabendo que se tratava de uma escrava fugida ninguém viria a ajudá-la. Ironicamente, Cândido Neves responde as súplicas de Arminda com a frase “Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois?” (ASSIS,2007,p.474). Sucede a essa cena momentos de luta entre Arminda e Cândido Neves, evento que segue até a chegada dos dois a casa do senhor que os esperava na porta, que então é seguido pelo recebimento do pagamento de Cândido Neves e o triste fim do bebê que Arminda leva consigo:

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. (ASSIS, 2007, p.475).

Com a gratificação recebida pela captura de Arminda, Cândido Neves pode voltar à farmácia onde deixou seu filho para pegá-lo novamente. Agora seu destino não é mais à Roda dos Enjeitados, mas sim, sua casa. Ao chegar e explicar o ocorrido tem o perdão de Tia Mônica que prefere criticar a escrava pelo aborto sofrido ao ouvir a história de Cândido Neves. O conto termina com a frase “Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.” (ASSIS, 2007, p.475).

Na próxima seção são demarcados dois momentos diferentes de interpretação do conto Pai Contra Mãe (1906), ora destacando elementos de uma espécie de retrato do Brasil que Machado de Assis buscava expor, ora, ressaltando os elementos críticos de seus textos.

As leituras dos textos machadianos foram das mais diversas no Brasil. Diversos intelectuais debruçaram-se sobre o escritor acentuando os mais

diversos aspectos em suas narrativas. Este trabalho mobilizara uma porção dessas análises reconhecendo a existência de dois momentos de críticas, porém, admite-se que o escritor de *Dom Casmurro* mobilizou aos longos dos anos reflexões que caminham nas mais diversas vias de interpretação. Assim, destacam-se dois momentos da crítica ao conto: 1) O primeiro representado pelas interpretações de Raymundo Faoro; 2) e um segundo momento que acentua o caráter crítico à escravidão e à violência na narrativa machadiana.

2. Se a miséria nos une, a liberdade nos separa: dois momentos de interpretação do conto Pai Contra Mãe.

A questão da crítica literária mostra-se como importante ferramenta de compreensão da obra para além do texto escrito, porém não deve extrapolá-la em demasia. Nela, o crítico tem como objetivo interpretar aquilo que está além das palavras descritas em um livro e posicionando-se frente aquilo que foi descrito. Como Alfredo Bosi (1987) menciona há uma diferença entre o ato de ler e interpretar, sendo a análise literária indissociável da interpretação, diz Bosi: “A ambivalência parece ser estrutural e inerente ao estilo do intérprete, que transita do texto alheio para o seu próprio.”(Bosi,1987, p.286).

Não há razão para apontar determinada leitura de uma obra literária como correta em detrimento de outras. Há diferentes modos de análise de um mesmo texto literário, sendo o caso de Machado de Assis exemplar em relação a essa pluralidade de leituras, pois os trabalhos interpretativos que com o passar dos anos vieram se empenhando na tentativa de leitura dos textos, ora, destacando, ora, omitindo, inúmeros elementos de seus contos e romances. Como um Machado de Assis diferente a cada época, modificável pelos óculos dos críticos.

Antonio Candido direciona-nos para esse horizonte em que a polivalência do texto Machadiano foi diferentemente vista e revista através dos anos, a saber:

Por isso, as sucessivas gerações de leitores e críticos brasileiros foram encontrando níveis diferentes em Machado de Assis, estimando-o por motivos diversos e vendo nele um grande escritor devido as qualidades por vezes contraditórias. O mais curioso é que provavelmente todas

essas interpretações são justas, porque ao apanhar um ângulo não poderemos deixar de ao menos pressentir outros[...] (CANDIDO, 1995, p.3)

Dito isso, a polivalência dos contos de Machado de Assis pode ser vista bem exposta no livro *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio* de Raymundo Faoro. Nesse livro, o autor busca entender o Brasil do final do século XIX e início do XX a partir das descrições de cenário, personagens e situações contidas na obra de Machado de Assis. Assim, as estruturas de classe, prestígio, as classes dominantes, os pobres, os escravos tão dispostos nas inúmeras obras de Machado serviriam como subsídio para essa análise.⁷ A relação entre tradicional e moderno permeia a obra, sendo que a transição de uma sociedade estamental rumo à sociedade de classes fonte principal das reflexões do autor. Entretanto, Faoro destaca que essa transição, ora parece em uma dinâmica de coexistência entre essas duas sociedades ao dizer: “Coexistência e permeação de estratos – dois fenômenos da convivência de duas camadas sociais, a classe e o estamento. O burguês Machadiano, com feições mais discretas, respira os mesmos ar dos burgueses de Molière.” (FAORO, 2001,p.17).

Nesta perspectiva, ao olharmos mais detidamente a análise que Raymundo Faoro realiza do conto Pai contra Mãe, em parte, tem como pano de fundo essa dialética entre elementos tradicionais e modernos, por alguns motivos, entre: 1) As explicações e descrições tem como cenário as mudanças industriais no Brasil; 2) A presença do trabalhador urbano; 3) O destaque para existência de classes sociais e estamento que conferem privilégios, porém, com equiparação entre o branco livre com o negro escravo;4) Em ligação ao tema anterior, a situação de miséria que acometia parte da população do país.

Por esse motivo, Faoro vê na personagem de Cândido Neves a

⁷ O livro de Raymundo Faoro possui enorme amplitude tendo como objeto de análise grande parte da obra de Machado de Assis, sendo os comentários reservados ao conto explorado neste ensaio contidas em alguns poucos capítulos. De todo modo, vale destacar que a proposta do livro era a de compreender e estrutura de classes, cenários, personagens típicos do Brasil descritos nos contos de Machado de Assis, reconhecendo o caráter transicional de uma sociedade estamental para uma sociedade de classes, mas, entendendo que este processo muitas vezes leva consigo a mistura e a coexistência de formas de organização social, por esse motivo, Raymundo Faoro escolhe as figuras da pirâmide e do trapézio para exemplificar esse processo visualizado no Brasil de final de século XIX e início do século XX.

representação da exclusão do trabalhador que se encontra em situação de extrema pobreza, que não encontra emprego fixo e que nem tem como possibilidade a esperança de um futuro confortável para sua família. Para Faoro, a liberdade do homem branco somente estaria assegurada caso a ele fosse dado como possibilidade a autonomia econômica. Assim, ressalta os elementos que denotam a pobreza do segmento social que, não é escravizado, porém, não possui meios de subsistência assegurado. Cândido Neves representaria essa população no ponto de vista de Raymundo Faoro.⁸

Entretanto, mesmo ao afirmar que o escravo e o liberto pobre estariam em situações equivalentes – dada as misérias de ambas as partes –, Faoro observa que a alforria funcionaria como elemento de distinção social entre os dois. Nas palavras do autor:

A liberdade, sente-o Machado de Assis, não emancipa o escravo. Mas há grande diferença entre o escravo e o liberto. O liberto adquire condição, embora mínima e limitada, de transferir agravos recebidos, as pancadas sofridas a outrem. A alforria significa uma ascensão social: galgado o primeiro degrau, o homem sai da condição de saco de afrontas, para o qual não há possibilidade de salvação. A liberdade se identifica com o status na sociedade, acrescido do arbítrio de castigar, repreender e punir. (FAORO, 2001,p.366)

A despeito disso, a complexa interpretação de Faoro parece atuar em duas dimensões distintas. Se por um lado equivale-se a situação do escravo com o branco liberto em situação de miséria, por outro, observar na possibilidade de liberdade, elemento de separação ou distinção entre eles. No conto *Pai contra Mãe* essa possibilidade foi decisiva, já que, para Cândido Neves havia a possibilidade de se capturar escravos que, mesmo garantindo recursos mínimos, o ajudaram com a permanência de seu filho. Já para Arminda – mulher e escrava – seu destino estaria selado já anteriormente, porque, para ela, não havia a

⁸ Para Faoro a ausência de concentrações industriais no Brasil seria um elemento não ressaltado com a devida importância por Machado de Assis. Por esse motivo, o ofício incerto – tão presente no conto *Pai contra mãe* – e a carência material descrita por meio da miséria das personagens são tão importantes para o autor. No fundo, o argumento de Faoro faz duas equiparações entre o branco liberto e o escravo. Na primeira o escravo e o liberto estão unidos pelo seu estado de miséria; na segunda, após a libertação do escravo das correntes da escravidão, a ligação seria que ambos são despossuídos dos meios de subsistência, que são tão importantes na reflexão desenvolvida por Faoro.

possibilidade de mudança de seu status de escrava. Por esse motivo, a liberdade é fato predominante nas estruturas das relações entre os indivíduos, conferindo ao branco livre uma espécie de prestígio que, garante vantagens, diante aos segmentos negros da população. A possibilidade de transferir açoitadas por Faoro.

Portanto, mesmo que em alguns momentos Faoro relativize o fator cor como importante na construção feita por Machado de Assis, parece reconhecer que o elemento liberdade funciona como característica de diferenciação entre os indivíduos. A escravidão no Brasil configurou-se baseada no aprisionamento das populações negras com o objetivo do trabalho não-remunerado, impedito assim qualquer espécie de escolha para o segmento negro. Faoro chega a afirmar:

A liberdade apenas lhe serve de estorvo, de nenhum modo, ideológica ou politicamente, valorizada racialmente. Esta a feição conservadora, conservadora na médula mais do que na aparência, ditada por uma concepção de sociedade onde a indústria está ausente, sem que o operário desempenhe qualquer papel, na hora que passa e no futuro[...] (FAORO, 2001, p.355)

A inexistência de um processo de industrialização do Brasil surge como argumento de indicação de miséria da população. Faoro está muito influenciado pelo paradigma do operário e sua consequente ausência de opções de trabalhos remunerados. Por esse motivo, menciona que no caso do escravo, pelo menos lhe era possível a alimentação básica, já que os senhores arcavam com ela. No entanto, o autor parece sobrevalorizar essa relação, pois, na verdade, o escravo somente recebe alimento do senhor, porque para o seu dono o escravo era uma propriedade, um objeto de trabalho e que para desempenhar suas funções de trabalho precisa do mínimo para sua permanência em vida. Portanto, não trata-se de um ato benevolente ou sorte que as populações escravizadas estavam acometidas, mas sim, sobretudo, se dá pela existência de uma dinâmica de coisificação de seres humanos no contexto de escravidão.⁹

⁹ Nesse sentido, Faoro coloca algumas críticas a forma com que a abolição ocorreu no Brasil ao

Conforme sugere Faoro, outros autores seguiram sua linha de interpretação. Muniz (1996) ao analisar o conto Pai contra Mãe mostra-se bastante influenciado pela leitura da obra de Faoro. Muniz propõe que Machado de Assis buscou mostrar como o trabalhador branco e o negro escravo estariam em situações similares, pois a pobreza entre eles, seria mais um motivo de conexão do que fator de separação entre dois segmentos. Ambos teriam poucas perspectivas no Brasil escravista, sendo o topo da pirâmide social praticamente intocável. Como conclusão o autor diz: “Neste caso, a cor da pele terá sua significância relativizada. A miséria não distância quem dela faz parte, ao contrário, ela iguala os participantes na hora da partilha.” (Muniz, 1996,p.11).

O posicionamento desses dois autores, citados anteriormente, indicam uma forma de interpretação do conto Pai contra Mãe que, como destacaremos mais adiante, ganha novas tonalidades com o passar dos anos. Algumas críticas a seus posicionamentos já foram colocadas, porém destacarei outros autores que analisam o conto por um outro viés. Estabelece-se uma linha demarcatória entre os autores aqui analisados, porém, trata-se de uma linha puramente fictícia feita apenas para destacar dois momentos distintos da análise ao conto. Isto não quer dizer que eles desenvolvam interpretações sem diálogo entre si. Parte desses trabalhos tem em vista a recuperação das análises já feitas e por meio do exercício da crítica da crítica, assim, propondo novos caminhos interpretativos. Nesse segundo momento de interpretação do conto são destacados o tema da representação da escravidão e da violência no conto machadiano.

Como dito, as tentativas de revisitação do conto Pai Contra Mãe, atualmente, centram-se na perspectiva da representação da escravidão e da violência contida nos mais variados textos do autor carioca. Ao contrário das primeiras interpretações ressaltadas aqui (tendo como representante Raymundo Faoro), as novas leituras destacam de forma mais acentuada a hierarquização

não oferecer assistência ao recém-liberto ou a possibilidade dele integrar-se ao regime de trabalho assalariado, nas palavras do autor: “[...] O abolicionismo, ao tempo que entrega o cativo ao próprio destino, prende-o ao salário de fome, com as mesmas humilhações que a escravidão consagrava.”(FAORO, 2001,p.358-359).

racial no Brasil escravista e a situação de privilégio dos segmentos brancos em contraposição aos negros. Nessa proposta, Cândido Neves mesmo entendido dentro do seu contexto de pobreza e exclusão - que é notadamente inegável - ganha um novo relevo ao acentuarem sua liberdade como fator fundamental de sobrevivência no contexto no qual o conto se insere.

Eliane da Conceição Silva (2008) ao analisar a violência nos contos de Machado de Assis, destaca a hierarquização social típica do Brasil escravista e a marginalidade social em que grande parte da população naquele contexto vivia. Juntamente a esses assuntos, a autora também coloca em questão o tema do racismo que, de modo geral, passa um pouco despercebido nas outras leituras sobre o conto *Pai contra Mãe*. Não negando a personagem de Cândido Neves o caráter de um desclassificado social, Conceição argumenta que mesmo sendo vítima daquela sociedade, Cândido Neves consegue tirar vantagens de outros grupos sociais por conta da própria estruturação racial no Brasil que dá a possibilidade de liberdade aos indivíduos identificados como brancos. Nesse sentido, a autora aponta uma lacuna em Faoro, contida na busca excessiva pelo paradigma do operário e os problemas advindos da não industrialização brasileira no último quarto do século XIX, diz a autora:

Mas o que Machado de Assis assinala com a essa personagem, e que Faoro não percebeu, é que não é necessário ser 'trabalhador' para se ver envolvido nas relações hierarquizadas e hierarquizantes da sociedade brasileira em uma posição de inferioridade. (SILVA, 2008, p.76)

O contraponto à leitura de Faoro não visa reduzir as diferenças das personagens, mas sim, acentuar as características que os colocam em situação de hierarquia. Não por acaso que Cândido Neves pode escolher entre vários ofícios, sendo aqueles que não lhe agradam logo deixados pelo fato de não gostar de servir aos outros. O ofício de captura de escravos lhe dá uma sensação de poder e autoridade como aquela do dono de escravo. Possibilidade que Arminda não possui, pois sua situação de escrava a impede que acesse outros postos, sendo sua identidade marcada como a da escrava. Ou seja, em grande medida, a desigualdade descrita ali não diz respeito a ser ou não operário, mas

está inscrita na cor da pele. Os indivíduos mais cândidos possuem liberdade de escolha, aos que não se encaixam nessa tonalidade, resta somente o peso da escravidão. A identidade do escravo foi aniquilada, junto a isso sua possibilidade de escolha e, em seu lugar, foi colocado marca do objeto de produção.

Outro interprete do conto de Machado de Assis, França Neto (2008) também advoga que em alguns contos machadianos – como é o caso de *Pai contra Mãe* – visam representar o tema da escravidão por um viés crítico. Para o autor as fronteiras entre a narrativa literária e a historiográfica são tensionadas pelo conto, pois em seu tema central estão postos uma problemática histórico-social do Brasil.

Sobre esse tema, a socióloga Eliane Veras (2014) advoga para o potencial da literatura como fonte de conhecimento nas ciências sociais, pois, segundo a autora, muito influenciada por Terry Eagleton, os textos advindos do campo da literatura oferecem ao cientista social a possibilidade de serem lidos na chave de “*documentos arqueológicos*”. Desse modo, a sociologia poderia ter como objeto as produções literárias, pois elas seriam uma fonte de dados riquíssima para a compreensão do comportamento social, porém, a ausência de delimitação entre o que seria fato e realidade sobre as outras literárias as desprivilegiariam em relação a outros tipos de fonte. Ao exemplo de outros documentos escritos que não são vistos como ficcionais, a saber:

Em outras palavras, o estudo do comportamento social requer uma série de métodos, técnicas, e mediações para se realizar. No caso da literatura, aquela que o sociólogo 'lê' é de antemão lido como ficção. Também trabalhamos com outros documentos escritos e a eles aplicamos técnicas de análise, mas estes não são considerados peças de ficção. Têm outro estatuto, são documentos! (VERAS, 2014, p.86)

Há certamente um valor na produção literária, principalmente aquelas que se mostram como imagens de determinados momentos históricos. No caso da literatura de Machado de Assis, em específico no conto *Pai contra Mãe*, ele surge como um retrato do Brasil do final do século XIX, sendo papel dos seus intérpretes indicar suas contribuições para o entendimento social, como foi feito por Raymundo Faoro (2001), Roberto Schwarz (1987), Antonio Candido (1995),

Alfredo Bosi (1988) e tantos outros interpretes de Machado de Assis.

É esse problema que uma interpretação do conto *Pai contra Mãe* enfrenta ao relacionar os fatos históricos dentro da narrativa literária. França Neto (2008) defrontou-se com esse problema ao demarcar a presença de três classes sociais no conto de Machado de Assis, que seriam: Os escravocratas, pobres e escravos. Denota-se assim as distribuições entre os ofícios, no caso de Cândido Neves ao escolher o de capturar escravos fugidos acentua uma indecisão daquele contexto pois:

O narrador apresenta esse ofício de forma ambivalente: embora não sendo nobre, no sentido do *status social*, isto é, no âmbito das aparências, possui uma 'nobreza implícita', que reside no fato de ser instrumento de manutenção da 'lei' da 'propriedade', através da força. (FRANÇA NETO, 2008, p.104)

Como agente de manutenção da ordem escravocrata, Cândido Neves é responsável pelos males acometidos a outros indivíduos que, no contexto de escravidão, estão hierarquicamente submetidos aos seus poucos poderes.

Como se pode perceber, a escrava Arminda é vítima da crueldade do sistema escravocrata brasileiro, representado nos personagens do senhor e Cândido Neves. Cândido Neves, embora sendo pobre, não possui uma consciência de classe, colocando-se ao lado de outros pobres, incluindo-se no meio destes os negros escravizados. Antes, atua como agente de manutenção da ordem escravista, em virtude de seu ofício de caçar escravos fugidos. (FRANÇA NETO, 2008, p.120-121)

Se essas interpretações se submetem ao escrutínio ao longo dos anos, coube-nos dar o destaque aos dois momentos de análise do conto Machadiano. De um lado centralizado na figura de Raymundo Faoro, por outro, nas novas leituras em Silva e França Neto que acentuam os elementos de violência e da tentativa de representação da escravidão no conto *Pai contra Mãe*. Como antes salientando, a divisão realizada neste ensaio, não se confirma como divisão formal, pois as interpretações que sucedem a de Faoro combinam-se e

complementam-se ao longo dos anos.

3. Direcionamentos críticos.

Sobre o modo como as críticas ao conto de Machado de Assis foram colocadas ao longo dos anos o que fica patente na realização deste ensaio é seu caráter criativo e arrojado. Como destacou-se aqui, não se trata de visões erradas em relação umas as outras, pois, a estrutura narrativa do escritor carioca, por sua riqueza, permite que sejam feitas interpretações das mais diversas. Sendo, o trabalho dos intérpretes buscarem novos sentidos para o texto.

Quanto ao conteúdo do conto é necessário voltarmos as páginas iniciais em que vemos descritos os fatores estruturantes da narrativa. Em referência a natureza da escravidão em sua estruturação totalizante das relações Machado descreve: “A escravidão levou consigo os ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Um deles era o ferro do pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres” (ASSIS,2007, p.466). Índícios de aprisionamento e de atrofiamento das potencialidades de liberdade tanto a máscara quanto o ferro que aprisionam os pés direcionam-nos para uma figura detenção e encarceramento. São mostradas como objetos destinados aos escravos, como dito no início, para puni-los contra potenciais fugas e aos “vícios”.

Contudo, Alfredo Bosi (1988) apresenta uma outra faceta da categoria máscara na obra de Machado de Assis. Para Bosi a ideia de máscara carrega consigo uma atitude de diplomacia e coloca-se como uma necessidade das relações sociais. Pautado nas transições do autor, Bosi alude que as mudanças ocorridas na vida de Machado, mas também em seu contexto (transição entre Império e República, por exemplo) indicam a necessidade da máscara como fator de autoconservação, a saber: “Nesse mundo, a máscara não é exceção, não foi feita apenas para tapar a cara da personagem mais vilã. É a regra. É o selo da necessidade.” (BOSI,1988, p.66)

Isso posto, reconhece-se a dimensão colocada por Bosi dos significados da ideia de máscara na obra de Machado de Assis, porém, penso que o destaque no conto analisado em tela seja muito mais o de descrever um instrumento utilizado para a punição dos escravos fugidos.¹⁰ Em *Pai contra mãe* essa descrição parece imprescindível para os desdobramentos entre as personagens, porque coloca a disposição do leitor o arsenal da instituição escravista como o alicerce das relações naquela história.

Há ainda outra questão que merece destaque na análise feita aqui. Ao nos referirmos a estrutura social ligeiramente descrita no conto na qual estão englobados: escravos, homens livres e escravocratas; é de importância pormenorizar essa dinâmica, pois, como posto, ela é tem validade para a interpretação do conto.

No ensaio *As ideias fora do lugar* Roberto Schwarz (1977) analisa as disparidades entre as ideias que circulavam no Brasil escravista e a realidade social do país. Para o autor há uma enorme disparidade em uma sociedade com ideias advindas do liberalismo europeu, mas que, porém, convive com a escravização de grande parte da população. A relação entre as três camadas sociais (liberto, escravo e escravocrata) são permeadas por contradições, pois: “Sendo uma propriedade, um escravo pode ser vendido, mas não despedido. O trabalhador livre, nesse ponto, dá mais liberdade a seu patrão, além de mobilizar menos capital.”(SCHWARZ, 1977, p.3)

Ainda sobre a relação entre esses três setores da sociedade Schwarz coloca que a medida de aproximação entre o homem livre e o senhor de escravos a noção de *favor*. “O favor é nossa mediação quase universal”, destaca Schwarz, porém, essa mediação funciona de modo mais decisivo entre os libertos e os senhores, excluindo-se assim o escravo. Podemos notar essa

¹⁰ No texto aludido de Alfredo Bosi não há referência explícita ao conto *Pai contra mãe*, sendo o esforço de compreensão da categoria “máscara” realizado pelo autor advindo numa leitura do conjunto das obras de Machado de Assis. Nesse sentido, a forma com que a concepção de “máscara” aparece no conto *Pai contra mãe* parece contribuir para o entendimento da ideia geral colocada por Bosi, porém, distingue nas particularidades referentes a descrição de um instrumento de punição utilizado durante a escravidão.

relação de cumplicidade em dois momentos do conto *Pai contra mãe*.¹¹ O primeiro no sentimento de Cândido Neves de pertencimento do escravo, dada o status implícito de seu ofício; e o segundo, no ato final em que estão envolvidos o senhor, Cândido Neves recebendo sua recompensa e Arminda jogada ao chão sofre as dores de seu aborto.

Luiz Carlos Jackson (2003) ao analisar as perspectivas sociológicas sobre Machado de Assis, com ênfase nos trabalhos de Antonio Candido e Roberto Schwarz, em suas leituras singulares sobre a obra do escritor, destaca que os problemas sociológicos que a produção Machadiana desencadeou fez com que, seus interpretes, desenvolvessem leituras do Brasil a partir desse escritos que partiam da leitura da maneira em que os três setores da sociedade articulam-se entre si. Sobre a relação entre o liberto e os senhores, Jackson mapeia no trabalho *Homens livres na ordem escravocrata* de Maria Sylvia de Carvalho Franco a influência na descrição da concepção favor que aparece na obra Roberto Schwarz, sendo a ascensão social da camada pobre liberta vinculada, intrinsecamente, as relações com as elites econômicas e políticas.

O princípio político que ordena e articulava a sociedade, portanto, era a dominação pessoal. Esta, no entanto, aparecia disfarçada pela proximidade aparente que relacionava ricos e pobres, cuja expressão mais típica seria o “compadrio”, que concretizava a troca desigual - o “favor” - de proteção social (sobretudo econômica) por lealdade, chegando, no limite, ao crime encomendado.” (JACKSON, 2003, p.81)

Os mecanismos associativos descritos até aqui são suficientes para o

¹¹ A tese de Maria Sylvia de Carvalho Franco acerca dos homens livres na sociedade escravista é passível de diversas críticas, principalmente, por isolar o liberto das demais relações sociais para poder compreendê-lo em seu contexto. Contudo, a autora coloca como ressalva que o escravo naquele ambiente é marcado pela ideia de “presença ausência”, assim sendo soterrado pela instituição da escravidão. A autora também preocupada com as ocupações desses homens livres que não conseguem acesso aos meios de produção, não são obrigados ao trabalho forçado, mas também não conseguem acesso ao trabalho no meio industrial, ressalta que foi nesse contexto que nasceu o estigma da preguiça do homem do campo, pois, este estaria sem possibilidade de acesso a trabalho. Vale ressaltar que a autora coloca como uma alternativa a esse homem livre os trabalhos que não eram confiados aos escravos, como o controle dos escravizados na lavoura e também o ofício de captura dos fugidos. Como esboçado neste ensaio, o ofício que Cândido Neves opta no conto de Machado de Assis.

entendimento do contexto da obra de Machado de Assis. Contudo, conforme as dicas de análise literária de Antonio Candido (2000) não basta apenas focarmos nas explicações extraliterárias, havendo também a necessidade de foco na estética dos textos. Neste ensaio mesclaram-se explicações nas duas vias.

Assim, a forma literária com que o conto Pai contra mãe se apresenta chama atenção ao incitar essa miríade de inquietações e reflexões a partir da trama descrita. Sem o maniqueísmo da busca do bem contra o mal, Machado de Assis coloca em questão o tema da escravidão, desalinho social, desespero perante a miséria, e também o racismo. O último ponto merece destaque, sobretudo, porque passa despercebido em uma leitura atenta somente aos conflitos materiais e ao pragmatismo das personagens. Porém, ela está ali, implícito na forma com que Cândido Neves age diante o mundo, mas, não fazendo-o culpado da situação. Sendo fonte do modo de relacionamento entre os indivíduos, as hierarquias ali dispostas no conto nos mobilizam a enxergar o outro frente as instituições sociais do Brasil do final do século XIX e início do XX.

Lido com atenção em sua contextualização o conto ganha contornos de crítica social. O momento de transição do Brasil naquele período inspirava um retrato do cotidiano e que, porém, conecta-se o geral. A trama que parte da falta de recursos de um sujeito que não gosta de servir aos outros e não fixa-se em nenhum emprego, passando por um casamento entre pares de classe e que chega as formas ocultas de associação entre os libertos e os senhores de escravo, consegue conectar o micro ao macro, sem a rigidez e frieza da forma científica. Machado historiador, Machado sociólogo, Machado moralista, Machado romancista e Machado Contista.

Referências

Assis, Machado de. 50 contos/ Machado de Assis; seleção, introdução e notas John Gledson. – São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Bosi, Alfredo. "A interpretação da obra literária." In: Céu, inferno. Ensaios de críticas literária e ideológica. Editora Ática.1988.p 274-287.

Bosi, Alfredo. "Uma figura Machadiana". In: Céu, inferno. Ensaios de crítica literária e ideológica. Editora Ática. 1988. p.58-72.

- Bosi, Alfredo "Raymundo Faoro leitor de Machado de Assis." Estudos avançados 18.51 (2004): 355-376.
- Candido, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: Vários escritos. 3º ed. Rev. E Ampl. - São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- Candido, Antonio. "Introdução". In: Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia.2000.
- de Carvalho Franco, Maria Sylvia. "Introdução e Capítulo 1". In: Homens livres na ordem escravocrata. 4. ed. - São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1997. - (Biblioteca básica)
- Faoro, Raymundo. Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio. Raymundo Faoro. - 4º ed; Rev. São Paulo: Globo, 2001.
- França Neto, João Irineu de. "A representação da escravidão nos Contos de Machado de Assis." Universidade Federal da Paraíba- UFPB. (2008).
- Jackson, Luiz Carlos. "Perspectivas sociológicas sobre Machado de Assis." Revista Estudos Históricos. (2004): 71-88.
- Muniz, Márcio Ricardo Coelho. "Uma leitura possível de" Pai contra Mãe" de Machado de Assis." Revista de Estudos Acadêmicos Unibero, São Paulo, n (1996): 1-12.
- Pereira, Lúcia Miguel. Machado de Assis: estudo crítico e biográfico. Vol. 130. Editora Itatiaia, 1988.
- Schwarz, Roberto. "As idéias fora do lugar." In: Ao vencedor as batatas (1977).
- Schwarz, Roberto. "Complexo, moderno, nacional e negativo." In: Que horas são: ensaios (1987). São Paulo, Companhia das letras. 115-126.
- Schwarz, Roberto."Duas notas sobre Machado de Assis". in: Que horas são: ensaios (1987). São Paulo, Companhia das letras.165-178.
- Schwarz, Roberto. "Leituras em competição." Novos Estudos-CEBRAP 75 (2006): 61-79.
- Schwarz, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. Editora 34, 2000.
- Silva, Eliane Conceição. Estudos da violência: uma análise sociológica dos contos de Machado de Assis/ Eliane Conceição Silva – 2008.
- Skidmore, T. E. O contexto intelectual da Abolição no Brasil. In: Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- Soares, Eliane Veras. "Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia." Civitas-Revista de Ciências Sociais 14.1 (2014): 81-92.